

## **Linguística Cultural e o Estudo do Léxico da Língua Portuguesa (PE e PB):**

A linguagem-em-uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivação conceptual<sup>12</sup>

**Versão pré-final**

Hanna J. Batoréo  
(Universidade Aberta, Lisboa/ CLUNL)

### **1. Produtividade Lexical em PE e PB**

Na óptica da Linguística Cognitiva (LC) e tal como tem vindo a ser demonstrado nos nossos trabalhos anteriores (cf. Batoréo 2009 e seguintes), o estudo do Léxico passa, sobretudo, pela análise da produtividade lexical na linguagem-em-uso, entendendo-se que o fenómeno é determinado pelos: (i) padrões de formação lexical nela utilizados, bem como pela sua operacionalidade e estabilidade, (ii) pelo tipo de mecanismos cognitivos – principalmente metáfora e metonímia – que ocorrem a nível da neologia e dos processos da inovação neológica, assim como (iii) pelos graus de utilização e operacionalização lexical em diferentes níveis diatópicos, diastráticos ou diafásicos dos itens lexicais em variantes da mesma língua. Nestas variantes, os referidos factores podem tornar-se operacionais de modos e graus diferenciados, muitas vezes dificultando ou, mesmo, não permitindo traçar paralelos entre os léxicos em uso nos países ou regiões que falam a mesma língua, tal como pode ser observado no caso da Língua Portuguesa falada dos dois lados do Atlântico: o Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB).

Assim, por exemplo, se quisermos reflectir sobre o grau da produtividade de um determinado item lexical em ambas as variantes nacionais do Português, deparamo-nos, frequentemente, com casos em que a mesma palavra apresenta

---

Nota do editor: Este texto apresenta marcas de formatação que, segundo a autora, são específicas em sua área de pesquisa. Por isso, não segue algumas normas gerais das Publicações Dialogarts.

<sup>1</sup> A primeira versão deste texto foi apresentado na Mesa redonda: *Léxico e Cognição*, 18 de Abril 2011, no I Congresso Internacional de Estudos do Léxico (CIEL), Universidade da Bahia, Salvador, Brasil.

<sup>2</sup> O texto foi elaborado no âmbito do projecto PEst-OE/LIN/UI3213/2014 da FCT, no CLUNL, Lisboa, e está escrito segundo a grafia antiga.

produtividade visível numa das variantes, sendo muito pouco produtiva, utilizada restritamente, ou mesmo caída em desuso na outra, como se pode exemplificar com o caso do item ‘*demanda*’, frequente no PB, mas substituído no PE quotidiano por ‘*procura*’; no PE, a palavra ‘*demanda*’ é remetida para contextos muito especializados e de carácter fixo, como p. ex., “*A Demanda do Santo Graal*”.

O mesmo fenómeno pode ser ilustrado com o verbo *botar* (ver os recentes estudos de Batoréo, 2010 e seguintes); um item lexical de reconhecida frequência no PB (p. ex., em contextos quotidianos como ‘*bota água no feijão*’), tal como acontece a nível dialectal em Portugal (p. ex. nos dialectos setentrionais); mas relativamente pouco produtivo no PE padrão (isto é, a língua *standard*), em que é regularmente substituído em contextos mais frequentes por *deitar*, *pôr*, *meter* ou *colocar*. O emprego do verbo *botar* no PE padrão do século XXI restringe-se apenas a contextos lexicalmente especializados com certo grau de fixidez, como em ‘*botar discurso/ palavra/ sentença/ opinião/ faladura*’, ‘*botar obra*’, ‘*botar nome*’ ou ‘*botar figura*’ ou mesmo em expressões idiomáticas como ‘*botar a boca no trombone*’, demonstrando, ao contrário do que acontece no PB, falta de produtividade lexical na linguagem-em-uso estandardizada.

Atentemos, agora, num caso concreto de um aviso frequente que podemos ouvir numa estação de comboios ou de metro, tanto em Portugal como no Brasil. Observem-se os seguintes exemplos<sup>3</sup>:

- Ex. 1. Atenção para o intervalo entre o cais e o comboio. (PE – Lisboa)
- Ex. 2. Atenção à distância entre as portas e a plataforma. (PE – Porto)
- Ex. 3. Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma. (PB – São Paulo)

Nos três exemplos acima apresentados (ex. 1 a ex. 3), a situação física referida é a mesma, tal como a sua conceptualização; a frase é de advertência, mas o material lexical utilizado na informação varia tanto entre o PE e o PB, como no caso do PE, entre Lisboa e o Porto. A advertência refere um espaço maior do que esperado que surge entre a carruagem e o lugar da sua chegada à estação (cais, plataforma) e que pode constituir perigo aos passageiros se originar uma queda. A carruagem pertence a um veículo que é denominado ‘*comboio*’, em PE, e ‘*trem*’, em PB, enquanto o espaço criado dá pelo nome de

---

<sup>3</sup> Os exemplos citados restringem-se ao nosso conhecimento e experiências pessoais.

‘*intervalo*’ ou ‘*distância*’, em PE, e ‘*vão*’ em PB. A advertência inserida no seu contexto específico de uso social e cultural é entendida em qualquer um dos três casos pela sua dimensão comunicativa, apesar das divergências lexicais – ‘*comboio*’, ‘*trem*’, ‘*vão*’ – que o dificultam no caso dos falantes de uma outra variante nacional (PE vs. PB). Enquanto os dois primeiros termos são exclusivos do PE e do PB, respectivamente, no caso do item ‘*vão*’, estamos perante um exemplo de produtividade lexical diferente em cada uma das variantes. No PE, o termo ‘*vão*’ é pouco frequente na acepção de *espaço*, sendo remetido quer para a linguagem técnica especializada (engenharia e arquitectura, a fim de designar a distância entre os apoios consecutivos de uma estrutura, como, por exemplo, uma ponte) quer para empregos muito restritos na linguagem-em-uso como na lexia complexa ‘*vão de escada*’, designando um espaço vazio entre os lanços de escada.

Na próxima secção, iremos abordar o item lexical ‘*feitio*’ e demonstrar como o seu uso polissémico pode vir a causar dificuldade na interpretação de uma mensagem mais complexa, culturalmente determinada.

## 2. Polissemia ou sentidos múltiplos: o exemplo do item ‘*feitio*’

A fim de discutir os múltiplos sentidos do item polissémico ‘*feitio*’, iremos partir dos exemplos da utilização da lexia complexa ‘*mau feitio*’, igualmente polissémica, proveniente de uma entrevista televisiva, decorrida entre dois intervenientes, um falante do PE e o outro, do PB.

Em Março de 2011, quando a recém-eleita presidente brasileira, Dilma Rousseff (DR), se estava a preparar para a sua primeira visita em Lisboa, foi entrevistada por um conhecido jornalista, escritor e comentador político português, Miguel Sousa Tavares (MST)<sup>4</sup> (cf. exemplo 4, em baixo).

### Ex. 4.

MST: Dizem **que tem mau feitio**, o que pessoalmente acho não ser defeito em política. Vai usar esse **seu mau feitio** para impor as suas convicções?

DR (atrapalhada): Não estou a entender o que você quer dizer **com “ter mau**

---

<sup>4</sup> A Agência Reuters deu, na altura, a seguinte notícia (Lisboa, 28-03-2011):

“Miguel Sousa Tavares entrevista Presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

A recém-eleita Presidente do Brasil vem a Portugal esta terça-feira, dia 29, para assistir ao doutoramento honoris causa de Lula da Silva, pela Universidade de Coimbra. Dilma Rousseff concedeu uma entrevista exclusiva à SIC, no palácio do Planalto em Brasília (capital). É a primeira grande entrevista concedida a um órgão de comunicação social depois de ser eleita. A entrevista foi conduzida por Miguel Sousa Tavares (MST).”

***feitio*”...**

(MST explica que, em Portugal, a expressão quer dizer uma certa obstinação, intransigência, etc.)

DR (visivelmente aliviada): “***Mau feitio*” no Brasil quer dizer que o *vestido está mal feito*, por isso não estava a entender a sua pergunta....**

(Riem-se os dois e os telespectadores)

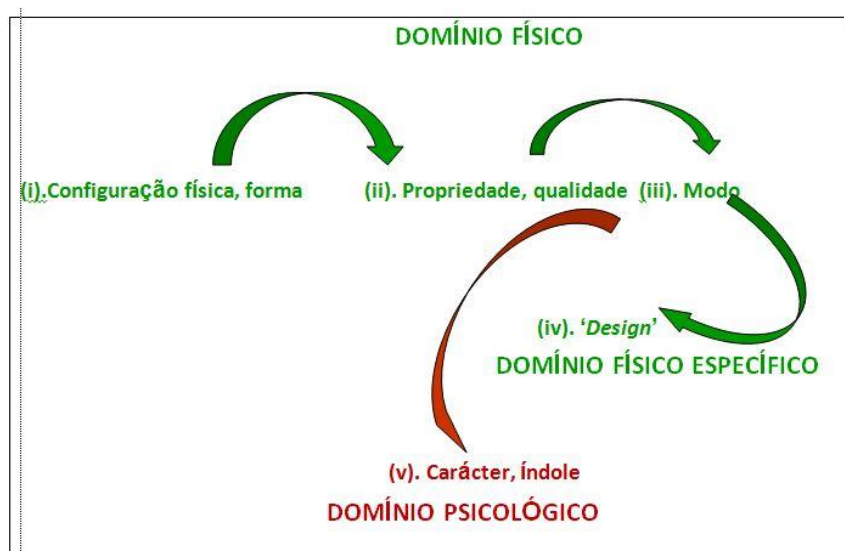
O aparente mal-entendido linguístico ocorrido entre a presidente brasileira entrevistada e o conhecido jornalista e escritor português fez correr rios de tinta e foi, na altura, objecto de inúmeros comentários e discussões, por exemplo nos blogues electrónicos. Os intervenientes questionavam-se se o significado da expressão ‘*mau feitio*’ é, de facto, tão diferente nos dois contextos nacionais que pudesse ter proporcionado este *quid pro quo* de dimensões supranacionais. Os cépticos<sup>5</sup>, no entanto, defendiam que Dilma Rousseff tinha descodificado perfeitamente a mensagem do jornalista, mas, como não pretendia responder à pergunta que entendeu como provocatória, utilizou uma estratégia, refugiando-se nas proverbiais diferenças lexicais entre o PE e PB.

A análise dos usos da lexia composta *mau feitio* do exemplo 4, remete-nos para o fenómeno da polissemia da própria palavra *feitio* (cf. Quadro 1, em baixo), o que pode ser evidenciado na análise com base num levantamento lexicográfico (p. ex., Houaiss, 2001: vol. III, 1714<sup>6</sup>). Ficamos, assim a saber que o significado prototípico da palavra, a partir do qual se criam as sucessivas extensões semânticas, é o equivalente à *forma*: por *feitio*, entende-se, assim: (i) uma “configuração física, aparência de um ser ou coisa, formato, forma”, como em ‘*roupas de vários feitios*’.

---

<sup>5</sup>Agradeço aos colegas brasileiros do I *CIEL*, em Salvador, Bahia (2011) terem-me chamado a atenção para esta possibilidade de interpretação.

<sup>6</sup>As acepções e os exemplos a seguir apresentados seguem, aqui, a fonte indicada.



Quadro 1. A polissemia e a rede de sentidos do item lexical 'feito'.

A acepção (i) está na origem das sucessivas acepções derivadas por especificação ainda no Domínio Físico: (ii) “propriedade que determina a natureza, qualidade”, como em: *‘jamaiz teria apreciado trabalho de tal feito’*, (iii) “modo de actuação, jeito, maneira”, como em *‘o seu feito de agir é diferente’* e, a partir daí, (iv) no sentido de *design*: “execução a cargo do artista ou do artífice (alfaiate, costureira)”, como em *‘ela deu o pano e a costureira o feito’*. A partir da acepção (iii), que indica o modo de actuação físico, pode-se derivar por metáfora e projectar para o domínio psicológico o significado relativo ao carácter de uma pessoa, como se de uma forma física se tratasse: (v) “qualidade inerente, temperamento, carácter, índole”, como em: *‘ter bom feito’* ou *‘mentir não é do seu feito’*.

O relacionamento entre as diferentes acepções do item polissémico ‘feito’ e a respectiva rede dos sentidos criada estão representados no Quadro 1.

Tendo em consideração a análise lexicográfica dos múltiplos sentidos da palavra polissémica acima apresentada, voltemos agora à polémica entrevista. A discussão resume-se, aqui, aos dois sentidos: o (i), prototípico, relativo à aparência física (ou, até ao mais específico (iv), relativo ao *design*) – o da presidente – e o (v), relativo ao carácter, índole, – o do jornalista.

A pergunta que se coloca, neste momento, é se duas pessoas cultas, numa conversa formal inter-variantes PE-PB, poderão, de facto, activar apenas parcialmente as acepções disponíveis no seu léxico mental, permitindo que surgisse um desentendimento linguístico. Tendo em consideração as variáveis sociolinguísticas do nível sócio-profissional dos participantes e do grau de

formalidade da interacção verbal por eles desenvolvida, inclinamo-nos para a interpretação “céptica” do *quid pro quo* mencionada acima: não querendo responder directamente à pergunta entendida como provocatória, Dilma Rousseff desconstruiu a expressão utilizada por Miguel Sousa Tavares, dando resposta não em função da acepção utilizada na pergunta pelo entrevistador, mas em função de uma outra acepção da mesma expressão, que lhe convinha mais atribuir no próprio contexto, valendo-se nisso da sua condição de mulher (variável sociolinguística sexo) – e, em particular, de uma mulher elegante e preocupada com a sua aparência física, dado o cargo que desempenha, – em relação ao entrevistador homem.

Se a mesma conversa tivesse decorrido num contexto muito mais informal com intervenientes com outro nível sócio-profissional, a interpretação poderia eventualmente apontar para uma produtividade diferente da lexia composta ‘*mau feitio*’ nas duas variantes do Português em questão. Esta hipótese aponta para a importância de conjugação de várias vertentes de análise e interpretação em Linguística Cognitiva – a lexicográfica, a cognitiva e a psicossociolinguística – na análise da linguagem-em-uso.

Na próxima secção iremos apresentar os fundamentos teóricos da Linguística Cultural, fortemente radicada na Linguística Cognitiva.

### **3. Os fundamentos teóricos da Linguística Cultural**

#### **3.1. Linguística Cultural: caracterização geral**

Tal como se vem destacando na literatura linguística das últimas décadas (cf. Faria *et al.*, org., 1996: 20), as grandes mudanças que têm vindo ultimamente a envolver a Linguística se devem, sobretudo, à relação, muitas vezes pouco assumida com outras ciências e com as novas tecnologias, nomeadamente com as Ciências Exactas, as Ciências Sociais e as Ciências Cognitivas. Um destes encontros interdisciplinares se dá precisamente no caso da *Linguística Cultural*, quando esta vertente da *Linguística Cognitiva* surge claramente assumida nas propostas do fim do século passado apresentadas por Holland & Quinn 1987, D’Andrade 1987, Anusiewicz 1994, Palmer 1996, Bernárdez 2000, sendo impulsionada, numa segunda fase, dez anos mais tarde, pelas novas propostas

de Sharifian & Palmer 2007, Janda 2008, Sharifian 2010 e 2011. Todos estes trabalhos resultam, precisamente, da preocupação em estudar a Linguagem no seu enquadramento cognitivo, social e cultural, que emerge, sobretudo, do encontro da Linguística com as Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia, Etnografia, entre outras) e as Ciências Cognitivas (Psicologia Cognitiva e Antropologia Cognitiva), sendo fortemente inspirada pelas Ciências Exactas, sobretudo pelas Neurociências e a Inteligência Artificial:

[...] [M]any morphosyntactic features of human languages reflect culturally-driven conceptualisations and, therefore, a theory of language structure needs to employ cultural conceptualizations as an explanatory tool in accounting for the structure of the human language. Culture of course does not only feed into the morphosyntactic component but also forms and informs all aspects of language content and structure. Theories of language therefore need to take into account the role of cultural conceptualization in carving and constructing all levels of language from lexicon to semantic and pragmatic meanings (Sharifian 2010: 3368).

A *Linguística Cultural* emerge, assim, no seio da Linguística Cognitiva, pela mão de Ronald W. Langacker e, sobretudo, de Gary Palmer – autor da famosa obra *Toward a Theory of Cultural Linguistics* – bem como com particular destaque para a *Semântica Cognitiva* de Wierzbicka (1979, 1991, 1992, 1996, entre outros), partilhando com ela o enquadramento teórico-metodológico:

The term ‘*cultural linguistics*’ was perhaps first used by a pioneer of cognitive linguistics, Ronald Langacker, in an argument emphasizing the relationship between cultural knowledge and grammar. He maintained that “the advent of *cognitive linguistics* can be heralded as a return to *cultural linguistics*. Cognitive linguistic theories recognize cultural knowledge as the foundation not just of lexicon, but central facets of grammar as well [italics original]” (Langacker, 1994, p. 31). However, in practice, so called “mainstream” cognitive linguists were united by their main focus on exploring the relationship between language and conceptualization. The role of culture in shaping language and its influence on all levels of language was not adequately dealt with until the publication of *Toward a Theory of Cultural Linguistics* by Gary B. Palmer (...). In this book, Palmer argued that cognitive linguistics can be directly applied to the study of language and culture. Central to Palmer’s proposal is the idea that “language is the play of verbal symbols that are based in *imagery* [my italics]” (Palmer, 1996, p. 3), and this imagery is culturally constructed. Palmer argued that culturally defined imagery governs narrative, figurative language, semantics, grammar, discourse and even phonology. His work on cultural linguistics, based on the analysis of cases from languages such as Tagalog and Coeur d’Alene (e.g., Palmer, 1996, 2003) revealed how the basic analytical tools of cognitive linguistics, such as ‘schema’, ‘image schema’, and ‘conceptual metaphor’, can be grounded in cultural knowledge. (Sharifian 2011b *on-line*).

Pela Linguística Cultural entendemos, portanto, um ramo da Linguística Cognitiva que se dedica ao estudo do modo como as línguas naturais reflectem e “corporizam”<sup>7</sup> as culturas que veiculam. Perspectivado deste modo, o nosso entendimento da Linguagem é cognitivo-funcional, social e culturalmente inserido, conforme defendido globalmente pela Linguística Cognitiva (cf. Silva 2009). Nele, a Linguagem surge como meio de conhecimento em ligação com a experiência humana do mundo – ou seja, a base pragmática e experiencial da linguagem-no-uso) – sendo observada e analisada ao nível de línguas particulares usadas em multiplicidade de registos, em contextos sociais e culturais diferenciados (diferentes níveis e tipos de variação linguística). A noção de Cultura aqui adoptada é definida do ponto de vista antropológico (Goodenough 1964 *apud* Anusiewicz 1994; cf. Hymes 1964) como um conjunto relativamente integrado de conhecimentos e de crenças, característico de uma comunidade, organizado por padrões e adquirido no seu meio através da interacção dos seus membros. Os que são abrangidos pela Cultura precisam de ter acesso a estes conhecimentos a fim de nela poderem viver e agir e se sentirem aceites por outros, desempenhando papéis determinados pela comunidade. Defende-se, por conseguinte, que não se trata de um fenómeno material, estanque, que se compõe de coisas, pessoas ou comportamentos. Pelo contrário, a Cultura é pensada, antes, na dimensão cognitiva das interacções humanas – com grande destaque para a *interacção verbal* –, em função dos modelos de percepção, associação e interpretação do mundo, partilhados pelos intervenientes sociais (dimensão sociolinguística) e guardados na mente (dimensão psicolinguística). O estudo da rede de ligações e interdependências entre a Linguagem e a Cultura implica um conceito da Linguagem como um sistema fortemente enraizado na Cultura e na vida social, em geral, determinando a comunicação intra e intercultural (i. e., *crosslinguistic studies*, na literatura anglossaxónica), bem como o ensino e a aprendizagem das línguas.

[...][C]ognitive Linguistics is well-suited to research on how grammatical differences serve as cultural differences. If meaning plays a role in all linguistic

---

<sup>7</sup> Ao utilizar o termo ‘*embodiment*’, os cognitivistas defendem que a experiência humana mais básica, que se estabelece *a partir do nosso corpo* (biológico), fornece as bases para os sistemas conceptuais e determina o modo como percebemos, conceptualizamos e verbalizamos o mundo (cf. estudos de Lakoff e Turner). Em Português, convencionou-se traduzir este termo da Linguística Cognitiva por *corporificação* ou *corporização*.

phenomena, and grammar is connected to culture via shared content, then grammar is part of the semiotic endeavor of projecting values and identity. Recognition of the pervasive role of metaphor in grammar likewise strengthens the bond between language and culture, since both use metaphor to elaborate their content. The inclusion of “extralinguistic” knowledge in linguistic categories integrates language and culture by acknowledging that cultural knowledge is actually embedded in linguistic categories. By not assuming that all languages boil down to a single set of universals, Cognitive Linguistics encourages us to focus on language-specific values and their culture specific parallels.

[...]. In the case studies the objective is to find how language consistently directs attention to certain characteristics of human relations or time/event structure, while other languages show different patterns of directing attention. The cultural implications are tentative and subtle, but they are significant because they are systematic – they reflect patterns of conceptualization that affect every speaker every day. In some instances (aspect, for example) these patterns are so widespread that they have to be attended to every time a speaker opens his/her mouth. (..) Given that meaning is grounded in human embodied experience, it is perhaps no surprise that human relations are often prominently encoded in the grammars of languages. Human beings and their relations to events and each other constitute a core feature of human experience<sup>8</sup>. (Janda, 2008: 10-12).

Naturalmente, o interesse pelo estudo das relações entre Linguagem e Cultura não é recente: se a Linguística Cultural enquanto corrente consistente de pensamento começou a emergir há cerca de trinta anos no seio da Linguística Cognitiva, as suas raízes encontram-se na filosofia de John Locke, no século XVII, e muito especialmente na filosofia alemã do século XVIII e XIX, isto é, no idealismo de J. G. von Herder e Wilhelm von Humboldt. Segundo os idealista alemães, “a alma” de uma nação e a natureza do seu povo estão contidas no idioma em que esse povo se exprime, postulando que uma língua constitui o factor principal na determinação dos processos de pensamento e no modo como se posiciona perante o mundo (*Weltsicht*). No século XX, este idealismo chega à América com Franz Boas, autor de estudos antropológicos e linguísticos, sendo retomado e consubstanciado no seio da Hipótese Sapir-Whorf de relativismo linguístico na tentativa de encontrar resposta à pergunta sobre o modo com que a estrutura de uma língua natural filtra, modifica e perspectiva a nossa percepção do mundo. Segundo esta hipótese – fundamentada pelos linguistas e antropólogos americanos Edward Sapir 1924, 1949 e Benjamin Whorf 1956 – e indo em grande parte ao encontro dos trabalhos desenvolvidos nos anos trinta do século XX pelos cientistas russos Vygotsky e Luria –, a estrutura de uma língua particular modela, forma e, em caso extremo, determina a representação

---

<sup>8</sup> Cf. “Four case studies contrasting grammatical portrayals of human relations in various Slavic Languages: virility, domination, BE vs. HAVE, self-indulgence.” (Janda 2008).

do mundo que estes falantes constroem, podendo variar de língua para língua.

Embora a formulação mais radical da Hipótese Sapir-Whorf possa levantar, naturalmente, algumas críticas por poder fazer crer que uma língua natural seja a base da organização cognitiva dos seus utilizadores, a revisão das mesmas premissas numa abordagem da Psicolinguística Cognitiva encontrou um terreno fértil na investigação mais recente, desenvolvida na área da Aquisição da Linguagem por investigadores como Melissa Bowerman e Dan I. Slobin (cf. Bibliografia). Estes psicolinguistas defendem que a língua materna de um indivíduo, ao dispor de um certo tipo de estruturas que a diferenciam de outras línguas naturais, predispõe o seu falante a prestar maior atenção a certos aspectos (que nela se encontram codificados linguisticamente) do que a outros (que nela não têm saliência estrutural significativa). Esta premissa tem encontrado, presentemente, grande popularidade, em especial na linha dos estudos interlinguísticos (*crosslinguistic studies*) que levaram Slobin a falar em aprender a “*pensar para falar*” (*thinking for speaking*) cf. Slobin 1990, 2012, entre outros).

Se o relativismo linguístico defende que as diferenças na conceptualização observadas entre as línguas naturais são centrais no estudo da linguagem e do pensamento, uma abordagem contrária – a do universalismo linguístico – procura estabelecer os universais linguísticos, perspectivando o que une as diferentes línguas particulares e não o que as separa. Esta corrente do pensamento – na senda de Descartes e Leibnitz, e desenvolvida em Semântica Cognitiva por Anna Wierzbicka (1980, 1992, 1996) – procura definir as unidades semânticas elementares da linguagem humana, como se de “átomos” de conceitos universais se tratasse.

#### **4. Especificidade cultural do léxico e a determinação cultural da gramática e do discurso**

Na sequência da preocupação universalista, pretende determinar-se a *especificidade cultural*<sup>9</sup> de uma série de conceitos, subjacentes ao que se considera “palavras-chave” de certas culturas, tal como p. ex., no caso da

---

<sup>9</sup> Na sequência da discussão do relativismo e universalismo linguísticos, repare-se na primazia do culturalmente específico, reconhecendo-se que alguns conceitos só aparentemente são universais (cf. Silva 2011).

‘*saudade*’ portuguesa ou ‘*dusza*’<sup>10</sup> (*alma*), nas Línguas Eslavas, argumentando-se a favor da existência de um sentimento de *saudade* só português (diferente da expressão de sentimentos nostálgicos noutras línguas) ou da especificidade da *alma eslava* (em comparação com o que se convencionou entender como *almas* de outros povos). Assim, acontece também no caso, por exemplo, da palavra checa ‘*mlsat*’ que designa uma capacidade de nos deliciarmos com a comida, isto é, de comermos por prazer e não quando temos fome, ou, no caso do item lexical norueguês ‘*slurve*’ quando nos referimos a um comportamento específico do aluno que faz os trabalhos em cima do joelho, em vez de se lhes dedicar de corpo e alma (cf. Janda 2008).

O fenómeno da *especificidade cultural* permite-nos, também, entender que, por exemplo, na palavra ‘*plav*’ (‘*azul*’, em Croata)<sup>11</sup>, estamos perante um caso de polissemia, quando descobrimos que, no enunciado ‘*Davor ima plavu košulju*’, a tradução é ‘*Davor tem uma camisa azul*’, mas, no caso de ‘*Davor ima plavu kosu*’, o enunciado quer dizer ‘*Davor tem cabelo louro*’ (e não ‘*cabelo azul*’, como traduzem os incautos alunos estrangeiros). Neste caso, é precisamente o fenómeno de polissemia que nos esclarece o aparente paradoxo de sentidos múltiplos não relacionados: o adjectivo ‘*plav*’ indica etimologicamente nas línguas eslavas, uma cor “desbotada”, branca, isto é, a ausência de uma cor forte; assim, os que não são morenos são concebidos como

<sup>10</sup> Aqui, o item está citado com a grafia polaca.

<sup>11</sup> Para este estudo, foram consultadas as seguintes fontes:

ANIĆ, Vladimir, 2009, *Veliki rječnik hrvatskog jezika*, Novi Liber, Zagreb, pág. 1045

plâv *prid.* <odr. ▷ 1. koji je boje čistoga neba (jedne od osnovnih boja spektra) [~kao more; ~kao nebo] 2. svijetložut, žučkast (o kosi)

**PT:** [azul *adj.* 1. que é da cor do céu limpo (uma das cores fundamentais do espectro solar) [ ~ como o mar; ~como o céu] 2. amarelo-claro, amarelado (de cabelo)].

Hrvatski jezični portal [Portal da Língua Croata]

[http://hjp.novi-liber.hr/index.php?show=search\\_by\\_id&id=eV1jXBg%3D](http://hjp.novi-liber.hr/index.php?show=search_by_id&id=eV1jXBg%3D) (27/11/2012)

plâv<sup>1</sup> *prid.* (odr. –ī)

ETIMOLOGIJA

✧ *prasl.* \*polvъ: bijel, žučkast (*stsl.* plavъ, *rus. dijál.* polóvyj, *polj.* plowy), *lit.* palvas: blijed ← *ie.* \*polwo-: blijed (*lat.* pallidus, *grč.* poliós: siv)

**PT:** [ETIMOLOGIA:

✧ *protoeslavo* \*polvъ: branco, amarelado (*antigo eslavo* plavъ, *rus. dijál.* polóvyj, *polj.* plowy), *lit.* palvas: pálido, descorado ← *ie.* \*polwo-: pálido, descorado (*lat.* pallidus, *grego.* poliós: cinzento)]

(3) Excerto do *Dicionário Etimológico da Língua Croata* de Dr. Alemko Gluhak, referente ao adjectivo azul.

plâv, pláva, o (...) U staroslavenskom „bijel“ (...)

**PT:** [azul (...) „branco“ em eslavo antigo (eslavo eclesiástico) (...)].

Agradeço ao dr. Davor Gvozdič, da Universidade de Zadar, na Croácia, a discussão da temática, o levantamento bibliográfico e a ajuda na consulta e na tradução das fontes croatas aqui citadas.

os de cabelo “*desbotado*”, isto é, branco, louro. Com o tempo, no Croata, a palavra ‘*plav*’ ganhou uma extensão semântica: para além de designar uma cor “desbotada”, branca, tal como acontece no caso do *cabelo louro* (‘*plava kosa*’), passou a designar uma cor “forte” – o azul – como em *camisa azul* (‘*plava košulja*’). Noutras línguas eslavas, a vida da palavra correspondente ao ‘*plav*’ Croata tomou outros percursos; em Polaco, por exemplo, a palavra correspondente ‘*plowy*’, só se refere ao cabelo, na expressão ‘*cabelo louro*’ (‘*plowe włosy*’), não havendo possibilidade de a associar à cor azul, sendo esta acepção praticamente caída em desuso fora deste emprego fixo.

A especificidade cultural do léxico permite-nos entender, também, o modo como designamos, por exemplo, os tipos de vinhos, na sequência da designação dos tipos de castas de uva que lhes deram origem. Em línguas como o Português ou Castelhana, tanto a uva como o vinho são tintos (= tingidos) ou brancos, na oposição ‘*tinto*’ vs. ‘*branco*’, não se podendo designar, por exemplo, o *vinho tinto* como \*‘*vermelho*’. No entanto, em muitas outras línguas, a oposição é precisamente de ‘*vermelho*’ vs. ‘*branco*’, como acontece em Francês, Inglês, Italiano ou em muitas das Línguas Eslavas. Existem, entretanto, outras línguas<sup>12</sup> ainda, nas quais o contraste é entre ‘*negro*’ vs. ‘*branco*’, como, por exemplo, em Croata, Catalão ou em dialectos da Sicília. Esta diversidade de designações aponta para uma conceptualização geral de *claro* vs. *escuro*, em que claro é invariavelmente realizado como ‘*branco*’, mas o escuro pode ser realizado como ‘*tinto*’, ‘*vermelho*’ ou ‘*negro*’, conforme a tradição cultural e linguística da região ou país.

Na Linguística Cultural, defende-se não apenas a *especificidade cultural do léxico*, conforme ilustrado em cima, mas pretende destacar-se, também, a *determinação cultural da gramática*, como no caso da especificidade do emprego emotivo do diminutivo em Português<sup>13</sup> ou do superlativo absoluto em Italiano; a especificidade da marcação do plural humano ou das construções dativas nas Línguas Eslavas<sup>14</sup>, entre outros, bem como a existência dos “*scripts*” *culturais* (p. ex., de diversificadas formas verbais de delicadeza e de honoríficos a funcionarem em culturas diferentes), peças linguísticas constitutivas – de carácter gramatical, lexical ou discursivo –, indispensáveis para o entendimento

---

<sup>12</sup> Agradeço a muitos colegas e alunos que me forneceram os exemplos das línguas aqui referidas.

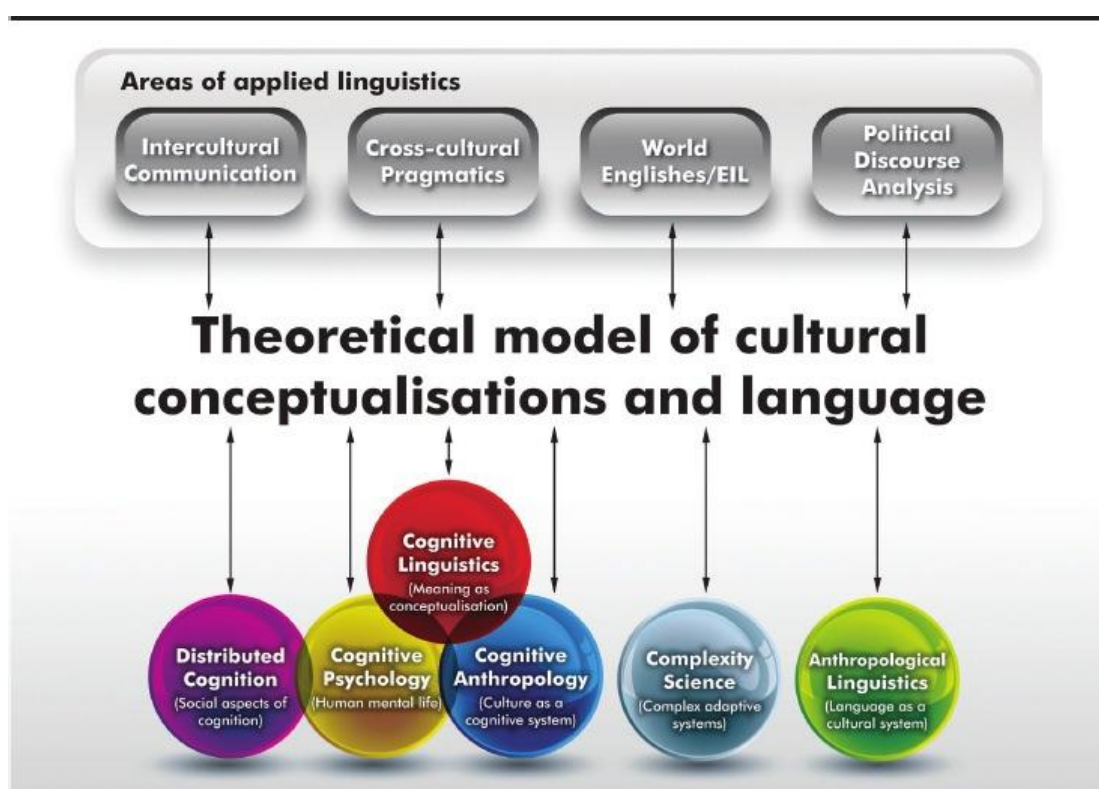
<sup>13</sup> Cf. Silva 2006, capítulo 8.

<sup>14</sup> Cf. Janda 2008.

de diferenças culturais entre os povos.

#### 4.1. Carácter interdisciplinar da Linguística Cultural e a sua radicação na Linguística Cognitiva

Dadas as suas raízes históricas, o âmbito de estudo da *Linguística Cultural* é de índole interdisciplinar, situando-se no ponto de encontro de três disciplinas: Linguística, Antropologia e Etnografia. Este âmbito pode ser, também, abrangido pelo escopo de outras disciplinas, tais como a *Linguística Antropológica*, a *Etnolinguística* ou a *Antropologia Linguística* (Anusiewicz 1994: 10-12), restringindo-se as respectivas diferenças à perspetivação oferecida teórica e metodologicamente por cada uma das áreas dos intervenientes. O âmbito interdisciplinar da Linguística Cultural abrange também a Filosofia (e, dentro desta, a Gnoseologia, a Ontologia e a Filosofia da Linguagem), a Psicologia, a Sociologia e as Ciências Políticas, entre outras, e aponta para o conceito do conhecimento integrado proporcionado pela *linguística integral* (Anusiewicz 1994: 65).



**Quadro 2: Natureza multidisciplinar do modelo das conceptualizações da cultura e da linguagem (In: Sharifian 2011b (on-line): “Figure 1: Multidisciplinary nature of the model of cultural conceptualizations and language”).**

Recentemente, Farzad Sharifian (cf. Sharifian 2007<sup>15</sup>, 2010 e 2011) propõe um modelo multidisciplinar das conceptualizações da Cultura e da Linguagem – *The Model of Cultural Conceptualizations and Language* – (ver Quadro 2), no qual se defende que a Linguística Cultural emerge directamente da Linguística Cognitiva e que opera num espaço de inter-realcionamento entre dois grandes grupos de diversas áreas científicas, no que o autor denomina como o *Modelo Teórico das Conceptualizações da Cultura e da Linguagem*. Por um lado, na parte superior do *Quadro*, encontram-se as áreas tradicionalmente identificadas com a Linguística Aplicada, tais como Comunicação Intercultural, Pragmática Inter e Intracultural, os estudos sobre as Línguas Pluricêntricas (o que, no Quadro é exemplificado pelo caso do Inglês, abrangendo *World English* e *English as an International Language (EIL)*) e a Análise do Discurso. Por outro, na parte inferior do *Quadro*, encontram-se as Ciências Cognitivas como Cognição Social, Psicologia Cognitiva, Antropologia Cognitiva, Linguística Antropológica e outros sistemas cognitivos complexos.

Por conseguinte, a Linguística Cultural encontra-se radicada no enquadramento teórico da Linguística Cognitiva, explorado numa perspectiva surpreendentemente plural<sup>16</sup>, em linhas de pensamento independentes, desenvolvidas desde os anos oitenta do século passado por George Lakoff, Leonard Talmy e Ronald Langacker, bem como pelos seus seguidores e discípulos:

Dada a inscrição plural da sua origem, não é surpreendente que o campo de Linguística Cognitiva (LC) assuma hoje perspectivas múltiplas, reunidas em um conglomerado de abordagens teóricas que compartilha hipóteses centrais a respeito da linguagem humana, como é o caso do papel fundamental atribuído a questões relacionadas ao significado, ainda que cada uma dessas abordagens destaque aspectos distintos dos desdobramentos possíveis dessas hipóteses.

---

<sup>15</sup> “Palmer’s proposal for a cultural linguistics also inspired studies that have applied ‘cultural linguistics’ to areas such as intercultural communication and second language learning. A theme session entitled “*Applied Cultural Linguistics*” was organized as part of the 8th International Cognitive Linguistics Conference, University of La Rioja, Spain in 2003. This led to the publication of an edited volume with the same title (Sharifian & Palmer, 2007). The contributions to this volume focused on Japanese, Chinese, Arabic, Persian, English, Aboriginal English and African English. The studies in this volume collectively provided evidence about how learning a second language (or a language variety) involves learning a new conceptual system including new cultural schemas, conceptual metaphors and image schemas.” (Sharifian 2011b *on-line*).

<sup>16</sup> Alguns estudiosos, especialmente no Brasil, alargam este escopo cognitivo para algumas teorias *funcionalistas* (cf. Martelotta (org.) 2008: 62-67) que partilham com os cognitivistas dos mesmos princípios fundamentais, tal como se verifica nos funcionalismos de M.A.K. Halliday, T. Givón ou T. Van Dijk.

Vale ressaltar ainda que, embora a LC não seja a única abordagem linguística que confere status especial ao significado, o modo particular como são tratadas as questões semânticas e pragmáticas permite que se estabeleça um recorte relativamente bem delimitado da área, distinguindo-a, por um lado, de abordagens de orientação funcionalista e, por outro, do referencial teórico da semântica formal. (Ferrari 2009: 13)

Na abordagem conjunta <sup>17</sup> das diferentes vertentes da Linguística Cognitiva parte-se de um conjunto de constructos teóricos que fundamenta a análise teórica desenvolvida na área como, por exemplo a análise das bases conceptuais e experienciais das categorias linguísticas e estudam-se as unidades e as estruturas da linguagem não pelo seu carácter autónomo, mas na sua qualidade de manifestações de capacidades cognitivas gerais, da sua organização conceptual, de mecanismos de processamento e conceptualização, bem como da experiência cultural, social e individual. A linguagem surge, assim, como um repositório significativo e estruturado de conhecimento do mundo, construído com base nas experiências adquiridas, vividas e partilhadas, cujo registo é retrospectivamente guardado para podermos lidar, prospectivamente, com experiências novas. A linguagem assume-se como um *fenómeno mental*, cuja interacção no mundo é mediada por estruturas informativas na mente, e que serve como meio para organizar, processar e transmitir essa informação.

It is a fact that languages systematically direct attention to certain facets of our existence, while systematically ignoring other facets, and that the way each language shapes attention is language-specific. It is also a fact that language is one of the primary identifiers of ethnic groups, and the means by which much of their culture is expressed. (Janda 2008: 26).

Ao estudar cientificamente a linguagem, a Linguística Cognitiva circunscreve a investigação desenvolvida na área em função das *cinco premissas fundamentais*:

- (i) categorização linguística, abrangendo prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos idealizados, metáfora e imagens mentais; defende-se, assim, que o significado linguístico é relativizado a domínios linguísticos e que os sistemas cognitivos não são autónomos;
- (ii) princípios funcionais da organização linguística: iconicidade, naturalidade e perspectivação; defende-se, por conseguinte, que o significado linguístico reflecte processos de perspectivação; (iii) natureza dinâmica da gramática, o que implica, por exemplo a existência de uma interface conceptual entre sintaxe e semântica;

---

<sup>17</sup> Cf. Martelotta 2008: 177-192.

Para o Português Europeu, ver os estudos de Silva 1997, 1999a [1997], 2001, 2003, 2004b, Batoréo 2000 [1996], 2004b e Silva e Batoréo 2010; para o Português do Brasil, ver, sobretudo, os estudos de Ferrari 2009, 2010 e 2011.

- (iv) base pragmática e experiencial da linguagem-no-uso, o que significa que o significado linguístico é baseado no uso e na experiência;
- (v) relação entre Linguagem e Mente/ Pensamento (a hipótese de relativismo e/ ou universais conceptuais/ linguísticos).<sup>18</sup>

A Linguística que, tal como acima definido, estuda cientificamente a conceptualização efectuada, simultaneamente, *a partir, através e dentro do* escopo da linguagem, é, necessariamente, *uma linguística cognitiva*, na medida em que o seu objecto de investigação é a linguagem como *sistema de conhecimento*. É de salientar que também outras correntes linguísticas – tal como, aliás, acontece no caso da Gramática Generativa de Chomsky (cf., a título exemplificativo, Chomsky 1986) – ou mesmo outros *sistemas de conhecimento* no paradigma das Ciências Cognitivas (como, entre outros, Psicologia Cognitiva, Neurociências, Inteligência Artificial, Antropologia, Etnografia, etc.) – apontam para a necessidade da existência de *uma linguística cognitiva*.

Chomsky demonstrou, de modo definitivo, a importância, para a compreensão da linguagem, dos fenómenos de natureza cognitiva, ou seja, relativos ao modo como nossa mente interage com o mundo que nos cerca, bem como os processos que permeiam essa interacção. Entretanto, limitou sua abordagem a questões relacionadas ao desenvolvimento ou à maturação de uma capacidade biológica, postulando uma estrutura racional e universal inerente ao organismo humano. (Martelotta, 2008:177).

No entanto, e ao contrário do que acontece no caso da linguística chomskiana, a Linguística Cognitiva não partilha da existência de uma faculdade da linguagem totalmente autónoma, independente de outras faculdades mentais, nem do conhecimento da linguagem modular autónomo em relação a outros tipos de conhecimento. O enquadramento teórico da Linguística Cognitiva não implica exclusivamente o conhecimento *da* linguagem mas aponta, antes, para o conhecimento *através* da linguagem, na direcção ao conhecimento do mundo. Ao alterar-se, assim, o *azimute* da pesquisa, altera-se, basicamente, o objecto da relação epistemológica adoptada pelos estudos linguísticos estabelecidos na segunda metade do século XX.

Quer na vertente estruturalista quer na generativista, a relação epistemológica dos estudos linguísticos é entendida como o estudo do sistema *que se basta a si próprio* e que abstrai, por conseguinte, do mundo extralinguístico que representa e que conhece através da Linguagem. Na óptica da Linguística Cognitiva esbate-se, no entanto, a distinção entre o *intra* e o

---

<sup>18</sup> Cf. Ferrari 2009, Capítulo 1.

*extralinguístico*, defendendo-se a importância do conhecimento enciclopédico do mundo e o estudo englobante não-modular da linguagem numa *visão holística* de um *todo conceptual e simbólico*. A gramática de uma língua caracteriza-se, assim, pela sua natureza simbólica, existindo nela um *contínuo de léxico-gramática* – ou, melhor, de *sintaxe-semântica-pragmática* – responsável pela representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente dos falantes (cf. Gramática Cognitiva de R. Langacker 1987/1991 e 2000): as categorias e construções gramaticais são entendidas, assim, como entidades simbólicas convencionais, tal como acontece no caso das categorias lexicais, estruturando-se pelos mesmos princípios de categorizações prototípicas e por modelos cognitivos e culturais idênticos (Lakoff e Johnson 1980, Lakoff 1987, Talmy 2003).

Além de se pautar pelas cinco premissas acima apresentadas, a Linguística Cognitiva organiza-se à volta de *quatro princípios* fundamentais:

- (i) primazia da semântica na análise linguística;
- (ii) natureza enciclopédica do conhecimento linguístico;
- (iii) natureza perspectivista do significado linguístico;
- (iv) historicidade do significado linguístico;

cruzando-se estes quatro princípios com as orientações metodológicas da Linguística Cognitiva. Estas orientações enquadram-se no âmbito do *experientialismo*, isto é, do *não-objectivismo*, tal como defendido em Lakoff e Johnson 1980 e Lakoff 1987. A fim de definir as linhas de *orientação metodológica* de trabalho em Linguística Cognitiva, parte-se da análise das respostas a três grupos de perguntas (Silva, 2004b: 79; cf. Batoréo, 2004)), abaixo especificadas, tendo sempre presentes os quatro princípios fundamentais (i – iv) acima definidos.

As questões apresentadas são as seguintes:

- Grupo I: Como é que organizamos o conhecimento do mundo que nos rodeia, ou seja, como categorizamos as entidades que povoam o mundo? Qual é a estrutura das categorias resultantes?
- Grupo II: Donde vem o conhecimento? Qual é a relação entre pensamento e realidade ou, mais especificamente, entre linguagem, pensamento e realidade?
- Grupo III: Serão os conceitos, logo o pensamento e a linguagem, fundamentalmente literais? Qual o papel da imaginação no pensamento e na linguagem?

No que diz respeito ao Grupo I, e segundo o *objectivismo*, as categorias conceituais e linguísticas formam-se e definem-se por condições (individualmente) necessárias e (conjuntamente) suficientes. Por conseguinte, todos os elementos de uma categoria têm o mesmo estatuto, destacando-se de outras categorias por fronteiras bem definidas e nítidas.

Pelo contrário, o *experientialismo* defendido pela Linguística Cognitiva postula que a categorização se processa na base de protótipos. Assim, os vários elementos de uma categoria apresentam diferentes graus de saliência, agrupam-se por *semelhanças-de-família* e as fronteiras entre diferentes categorias são geralmente vagas e diluídas. Se a função fundamental da Linguagem é a categorização, então *a significação será o fenómeno linguístico primário* (cf. atrás, o princípio fundamental (i)). A função categorizadora da Linguagem é estudada sistematicamente numa perspectiva que abrange as seguintes vertentes: *a teoria do protótipo* (Taylor 1995 e Geeraerts, 1997), *a teoria da metáfora conceptual* (Lakoff e Johnson 1980 e Sweetser 1990), *a semântica do enquadramento linguístico* (*'frame semantics'* de Fillmore 1985), *a teoria de espaços mentais e a teoria da integração conceptual* (Fauconnier 1985, 1997) e *modelos culturais* (D'Andrade 1987, Palmer 1996, Wierzbicka 1992, Sharifian 2011).

No que diz respeito ao Grupo II, o *objectivismo* defende o pensamento como sendo abstracto e, por consequência, independente dos condicionamentos individuais, sociais e culturais. Assim, a mente humana é considerada um espelho da realidade, no qual são colocados os conceitos e os significados dados *a priori*. Por conseguinte, a Linguagem é considerada como uma capacidade diferenciada e autónoma relativamente à cognição humana.

Ao contrário do *objectivismo*, o *experientialismo* da Linguística Cognitiva postula que o pensamento se fundamenta na experiência do mundo. Esta experiência não é dada, mas é construída através de estruturas cognitivas informativas, tais como a Linguagem. Consequentemente, a Linguagem não é um módulo separado, mas parte integrante da Cognição, em que não existe distinção entre conhecimento *linguístico* e conhecimento *enciclopédico* (cf. atrás, o princípio fundamental (ii)). O significado linguístico encontra-se intimamente ligado ao conhecimento do mundo na relação com a função categorizadora da Linguagem: se esta lhe impõe estruturas e formas, então ele

não é objectivamente reflectido na Linguagem. Em vez de espelhar a realidade, a Linguagem é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que reflectem as experiências e as culturas, o que aponta para a *natureza perspectivista do signo linguístico* (cf. atrás, o princípio fundamental (iii)). Esta característica está intimamente ligada à *historicidade do significado*, visto que a própria experiência humana é um fenómeno histórico sujeito a mudanças. Esbate-se, assim, a divisão saussureana estanque entre a linguística sincrónica e diacrónica, entendendo-se que o estudo linguístico do significado deverá, naturalmente, combinar ambas as perspectivas: a sincrónica e a diacrónica (cf. atrás, o princípio fundamental - iv).

Finalmente, no que diz respeito ao Grupo III, o sistema conceptual humano é, segundo o *objectivismo*, literal por natureza e, portanto, verdadeiro ou falso. Assim, a metáfora e outros tipos de Linguagem tradicionalmente considerada figurada são fenómenos exclusivamente linguísticos e próprios da linguagem literária.

Pelo contrário, o *experencialismo* postulado pela Linguística Cognitiva defende que, no nosso dia-a-dia, é comum pensarmos e falarmos figurativamente. Assim, não existindo uma oposição fundamental entre literal e figurado, a metáfora e outros tipos de linguagem tradicionalmente encarada como figurada são fenómenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos naturais dos actos de pensar e de falar.

As *premissas teóricas*, os *princípios fundamentais* e as *linhas de orientação metodológica* acima apresentadas constituem os alicerces não só da Linguística Cognitiva, mas também da Linguística Cultural nela radicada.

Na secção seguinte, iremos abordar o terceiro dos quatro princípios fundamentais da Linguística Cognitiva (e, por conseguinte, também da Linguística Cultural) acima referidos: a natureza *perspectivista* do significado linguístico, baseando-nos no “constructo” conceptual subjacente à conceptualização da semana, dos dias que a constituem e da respectiva ordem.

## **5. Perspectivação conceptual e o exemplo da conceptualização da semana em línguas e culturas diferentes**

A natureza perspectivista do significado linguístico como função central da linguagem e as operações de perspectivação conceptual na criação de um

“constructo” (*construal* de Langacker) têm sido consistentemente estudadas em Linguística Cognitiva. Nos últimos vinte anos do século passado, destacaram-se três abordagens complementares que focam estes fenómenos e são da autoria dos três principais vultos reconhecidos na área: Ronald W. Langacker, Leonard Talmy e George Lakoff. Trata-se, assim, das abordagens mais representativas da *imagética convencional (imagery)* de Langacker e dos *sistemas imagéticos (imaging systems)* de Talmy, bem como dos estudos de Lakoff e colegas sobre a linguagem figurada. Em estudos posteriores (cf. Croft 2004), defende-se que as operações linguísticas de *perspectivação* conceptual, isto é, o ‘*construal*’ langackeriano, constituem, no fundo, manifestações de quatro processos cognitivos fundamentais e estudados há décadas em Psicologia e Filosofia – (i) atenção ou saliência, (ii) juízo ou comparação, (iii) localização e (iv) *gestalt* da experiência –, evidenciando que os processos não linguísticos como a percepção visual e a actividade sensório-motora têm um papel crucial na conceptualização e na linguagem (cf. Silva 2006: 303-307):

“Daqui se conclui também que estamos perante processos de conceptualização que são universais: como assinala Lakoff (1987: 311), as pessoas partilham a mesma capacidade geral de conceptualização, não obstante as diferenças que possa haver entre os seus sistemas conceptuais. A especificidade semântica de uma língua residirá na combinação de uma espécie particular de conceptualização, corporizada numa categoria lexical ou construção gramatical particular, com uma classe particular de experiências humanas que esta categoria/construção codifica (Croft & Wood 2000: 77). Qualquer língua possui muitas perspectivas alternativas de codificar a mesma experiência (Lakoff 1987: 306) e diferentes línguas codificam a mesma experiência de diferentes perspectivas. Mas há restrições, preferências interlinguísticas e, mais do que isso – e evitando cair nas malhas da versão forte do relativismo linguístico –, os efeitos das operações de conceptualização linguisticamente impostas poderão ser bastante superficiais (Langacker 1998).” (Silva, 2006: 306-307)

A fim de percebermos como funciona a criação de um “constructo” (*construal*) das operações de perspectivação conceptual, procuraremos ilustrar o fenómeno com o exemplo da conceptualização da semana em línguas<sup>19</sup> diferentes.

Hoje em dia, existe um sistema universal de contagem de tempo do qual

---

<sup>19</sup> O material linguístico que serviu de base para a presente secção foi recolhido da informação disponível nos seguintes *sites*:

[http://pt.wiktionary.org/wiki/Ap%C3%AAndice:Dias\\_da\\_semana](http://pt.wiktionary.org/wiki/Ap%C3%AAndice:Dias_da_semana)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Dias\\_da\\_semana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dias_da_semana)

[http://en.wikipedia.org/wiki/Names\\_of\\_the\\_days\\_of\\_the\\_week](http://en.wikipedia.org/wiki/Names_of_the_days_of_the_week)

[http://pl.wikipedia.org/wiki/Nazwy\\_dni\\_tygodnia](http://pl.wikipedia.org/wiki/Nazwy_dni_tygodnia)

uma das unidades fundamentais é a semana (do lat. ‘*septimana*’), um espaço de tempo concebido como um conjunto de sete dias, dos quais um é destinado ao descanso e à oração – e isto independentemente da religião professada pela respectiva comunidade – e os restantes seis ao trabalho. Conforme se pode observar pelos exemplos de (tipos de) línguas naturais apresentadas nos quadros em baixo (cf. Quadro 3 a 7), os nomes dos dias da semana e a perspectiva segundo a qual se apresentam ordenados resultam de cruzamento de duas tradições: a pagã – que dedica cada dia da semana a um planeta e/ou a um deus pagão (cf. Quadros 3 e 4) – e a religiosa, reflectindo uma das três grandes religiões mundiais: a judaica, a cristã ou a muçulmana.

<b>Latim</b>	<b>deus romano</b>	<b>deus saxão</b>	<b>ideograma chinês</b> (representação tradicional)
Solis dies	Sol	Sol	Sol
Lunae dies	Lua	Lua	Lua
Martis dies	Marte	Tyr	Fogo
Mercuri dies	Mercúrio	Odin	Água
Jovis dies	Júpiter	Thor	Madeira
Veneris dies	Vénus	Freya	Metal
Saturni dies	Saturno	Saturno	Terra

**Quadro 3. Conceptualização dos dias em função dos deuses pagãos/ planetas/ elementos (exemplos)**

A unidade de tempo de sete dias foi introduzida no Império Romano no século II d. C., mas acabou por ser adoptada mais tarde por outros povos europeus, conforme se pode observar, por exemplo nas Línguas Românicas (Quadros 4 e 5) e Germânicas. Assim, em Inglês, por exemplo, podemos observar os nomes dos dias da semana dedicados aos deuses pagãos (embora sejam maioritariamente deuses/ planetas locais, saxões, e não romanos), como em ‘*Monday*’ (2<sup>a</sup> feira), dia dedicado à Lua (cf. ‘*moon*’, em Inglês), ou em ‘*Thursday*’ (5<sup>a</sup> feira), dia dedicado ao deus saxão Thor (cf. Quadro 3)

<b>Latim clássico</b>	<b>Latim eclesiástico</b>	<b>Significado</b>	<b>Latim litúrgico I</b>	<b>Latim litúrgico II</b>
<i>Dies Solis</i>	<i>Solis dies</i>	dia do Sol	<i>Prima feria</i>	<i>Feria prima</i>
<i>Dies Lunae</i>	<i>Lunae dies</i>	dia da Lua	<i>Secunda feria</i>	<i>Feria secunda</i>
<i>Dies Martis</i>	<i>Martis dies</i>	dia de Marte	<i>Tertia feria</i>	<i>Feria tertia</i>

<i>Dies Mercurii</i>	<i>Mercurii dies</i>	dia de Mercúrio	<i>Quarta feria</i>	<i>Feria quarta</i>
<i>Dies Iovis</i>	<i>Iovis dies</i>	dia de Júpiter	<i>Quinta feria</i>	<i>Feria quinta</i>
<i>Dies Veneris</i>	<i>Veneris dies</i>	dia de Vénus	<i>Sexta feria</i>	<i>Feria sexta</i>
<i>Dies Saturni</i>	<i>Saturni dies</i>	dia de Saturno	<i>Septima feria</i>	<i>Feria septima</i>

**Quadro 4. A origem da semana latina**

<b>Português Moderno</b>	<b>Português Arcaico</b>	<b>Espanhol</b>	<b>Italiano</b>	<b>Francês</b>	<b>Galego</b>
<b><i>Domingo</i></b>	<i>Domingo</i>	<i>Domingo</i>	<i>Domenica</i>	<i>Dimanche</i>	<i>domingo</i>
<b><i>Segunda-feira</i></b>	<i>Lues</i>	<i>Lunes</i>	<i>Lunedì</i>	<i>Lundi</i>	<i>luns segunda feira</i>
<b><i>Terça-feira</i></b>	<i>Martes</i>	<i>Martes</i>	<i>Martedì</i>	<i>Mardi</i>	<i>martes terza feira</i>
<b><i>Quarta-feira</i></b>	<i>Mércores</i>	<i>Miércoles</i>	<i>Mercoledì</i>	<i>Mercredi</i>	<i>mércores cuarta feira</i>
<b><i>Quinta-feira</i></b>	<i>Joves</i>	<i>Jueves</i>	<i>Giovedì</i>	<i>Jeudi</i>	<i>xoves quinta feira</i>
<b><i>Sexta-feira</i></b>	<i>Vernes</i>	<i>Viernes</i>	<i>Venerdì</i>	<i>Vendredi</i>	<i>venres sexta-feira</i>
<b><i>Sábado</i></b>	<i>Sábado</i>	<i>Sábado</i>	<i>Sabato</i>	<i>Samedi</i>	<i>Sábado</i>

**Quadro 5. Os dias da semana em diferentes Línguas Românicas (exemplos)**

O estudo das diferentes línguas e culturas demonstra que a conceptualização da semana é feita basicamente de três modos distintos, com o dia de descanso à Sexta-feira, como nos países muçulmanos, ao Sábado, como na religião judaica, ou ao Domingo, como nos países de tradição cristã, sendo esta última a forma mais usual encontrada entre os países do mundo.

Tal como foi mencionado anteriormente (cf. Quadro 3), os nomes atribuídos aos dias da semana nas línguas do mundo ocidental deixam transparecer a conceptualização radicada nas tradições pagãs antigas, por um lado, e na tradição religiosa – tanto a judaico-cristã tradicional como a cristã propriamente dita –, por outro. Assim, na maioria das línguas, os nomes dos dias de trabalho reflectem os deuses pagãos, romanos ou locais, enquanto os

dias de descanso reflectem o dia de descanso judaico ao Sábado (proveniente do *Sabbath* bíblico) e o dia de descanso dos cristãos ao Domingo, dia dedicado ao culto de Deus e reconhecido, em Latim, como ‘*Dominica Dies*’, isto é, ‘o dia do Senhor’) (Quadro 5).

É curioso verificar que, nas Línguas Eslavas (cf. Quadro 7), é reflectida apenas a tradição judaico-cristã no nome atribuído ao Sábado, mas o dia seguinte, com a excepção do Russo, é referido como o dia de descanso (com a designação proveniente de ‘*ne delat*’ – ‘*não trabalhar/ não fazer nada*’) e não como o dia de culto.

<i>Exemplo das Línguas Eslavas e o sentido atribuído</i>	Dia depois do dia de não fazer nada	2º dia	Dia do meio	4º dia	5º dia	Sábado	Dia de não fazer nada
[Português]	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
<b>Russo</b>	<i>ponedel'nik</i>	<i>vtornik</i>	<i>sreda</i>	<i>chetverg</i>	<i>pyatnica</i>	<i>subbota</i>	<i>voskresen'je</i>
<b>Ucraniano</b>	<i>ponedilok</i>	<i>vivtorok</i>	<i>sereda</i>	<i>chetver</i>	<i>p'yatnitsya</i>	<i>subota</i>	<i>nedilya</i>
<b>Búlgaro</b>	<i>ponedelnik</i>	<i>vtornik</i>	<i>sryada</i>	<i>chetvǎrtǎk</i>	<i>petǎk</i>	<i>sǎbota</i>	<i>nedelya</i>
<b>Polaco</b>	<i>poniedziałek</i>	<i>wtorek</i>	<i>środa</i>	<i>czwartek</i>	<i>piątek</i>	<i>sobota</i>	<i>niedziela</i>
<b>Eslovaco</b>	<i>pondelok</i>	<i>utorok</i>	<i>streda</i>	<i>štvrtok</i>	<i>piatok</i>	<i>sobota</i>	<i>nedel' a</i>
<b>Checo</b>	<i>pondělí /pondělek</i>	<i>úterý /úterek</i>	<i>středa</i>	<i>čtvrtek</i>	<i>pátek</i>	<i>sobota</i>	<i>neděle</i>
<b>Esloveno</b>	<i>ponedeljek</i>	<i>torek</i>	<i>sreda</i>	<i>četrtak</i>	<i>petek</i>	<i>sobota</i>	<i>nedelja</i>

<b>Lituano</b>	sekmadienis (7º dia) Domingo	primadienis (1º dia) – 2ª feira	antradienis (2º dia) – 3ª feira	trečiadienis (3º dia) – 4ª feira	ketvirtadienis (4º dia) – 5ª feira	penktadienis (5º dia) – 6ª feira	šeštadienis (6º dia) – Sábado
----------------	------------------------------	---------------------------------	---------------------------------	----------------------------------	------------------------------------	----------------------------------	-------------------------------

**Quadro 6. Dias da semana nas Línguas Eslavas e Bálticas (exemplos).**

Independentemente dos tipos dos nomes tradicionalmente atribuídos numa dada cultura e na língua falada pelo seu povo, o modo da sua ordenação, isto é, o modo como se efectua a contagem dos sete dias da semana pode ser efectuada, na grande maioria das línguas do mundo, quer a partir do Domingo,

dia de descanso, quer a partir do primeiro dia de trabalho, isto é a Segunda-feira, constituindo um exemplo da perspectivização conceptual do “constructo” da semana. Assim, o Domingo funciona como o primeiro dia na organização da semana latina, o que continua transparente na denominação numérica utilizada pela Língua Portuguesa<sup>20</sup> (Quadros 4 e 5) e pelas línguas culturalmente próximas do mundo lusófono (Quadro 7).

Português	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Mirandês	segunda	terça	quarta	quinta	sesta	sábado	demingo
Tetum	segunda	tersa	kuarta	kinta	sesta	sábadu	domingu
Crioulo Caboverdiano	segunda fera	tirsera fera	kuarta fera	kinta fera	sesta fera	sábdu	dimingu

**Quadro 7. Dias da semana em países de Língua Portuguesa e Crioulas**

Nas outras Línguas Românicas, mantém-se a mesma ordem, embora os nomes dos dias da semana não permitam reconhecê-la explicitamente.

Ao contrário do observado nas línguas que privilegiam o papel do Domingo, destacando-o como o primeiro dia da semana, existem outras línguas que perspectivam a ordem com início na Segunda-feira, tal como pode ser observado nos nomes atribuídos aos dias nas Línguas Eslavas e Bálticas (cf. Quadro 6), sendo que Quarta-feira é denominada como ‘*o dia do meio*’ e não como o terceiro dia, como seria de esperar. É curioso verificar que, também no Chinês moderno, a contagem dos dias da semana é transparentemente numérica, perspectivando a 2<sup>a</sup> feira como o primeiro dia da série dos dias da semana.

Tendo em conta a necessidade da representação científica dos dias da semana, a Organização Internacional para Padronização (ISO) estabeleceu a norma ISO 8601 que normaliza com uma sequência numérica de 1 (um) a 7

<sup>20</sup> Tradicionalmente é a Martinho de Dume (ou Martinho de Braga, Panónia, c. 515 – Braga, 580), conhecido como São Martinho Bracarense, que se atribui a introdução dos modernos dias da semana da Língua Portuguesa (cf. Quadro 5): considerando indigno de bons cristãos que se continuasse a chamar os dias da semana pelos nomes latinos pagãos de *Lunae dies*, *Martis dies*, etc., foi o primeiro a usar a terminologia eclesiástica para os designar (*Feria secunda*, *Feria tertia*, etc.), donde surgiram os dias de 2<sup>a</sup> feira, 3<sup>a</sup> feira, etc. em Português moderno, constituindo o caso único entre as línguas neolatinas, sendo que o Galego mantém os dois sistemas, tanto o anterior a São Martinho (correspondente ao Castelhana e a outras Línguas Românicas) como o por ele introduzido.

(sete) a numeração para a representação dos dias da semana num formato informático global. Esta denominação numérica dos dias da semana indica a perspectivação e sequência da representação que reconhece a 2ª feira como o primeiro dia, tal como linguisticamente perspectivado e acima ilustrado, por exemplo, nas Línguas Eslavas e Bálticas ou no Chinês moderno. Assim, segundo esta norma internacional, o 1º dia da semana é 2ª feira, o 2º, 3ª feira, e assim por diante.

### **Considerações finais**

No presente estudo, defendemos que, na óptica da Linguística Cognitiva (LC), o estudo do léxico passa, sobretudo, pelo estudo da produtividade lexical na linguagem-em-uso, observada numa comunidade social e culturalmente determinada, isto é, num enquadramento de estreito relacionamento entre a linguagem e a cultura, em que os factores que devem ser tomados em consideração são de natureza cognitiva, mas também psicosociolinguística e cultural.

Assim, na primeira secção, centrámo-nos em alguns aspectos da produtividade linguística observada nas duas variantes nacionais da Língua Portuguesa – no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE) –, dando, já na segunda secção, destaque ao item polissémico ‘*feitio*’ e aos múltiplos sentidos que podem ser atribuídos à expressão ‘*mau feitio*’ num contexto transnacional e transcultural entre as duas variantes.

O relacionamento entre a linguagem e a cultura tem vindo a ser estabelecido e estudado, ao longo dos últimos anos, no seio de um ramo da LC conhecido como a Linguística Cultural (cf. Palmer 1996, Bernárdez 2000, Sharifian & Palmer 2007, Sharifian 2010 e 2011). Este enquadramento teórico foi objecto do nosso estudo efectuado em pormenor na secção 3.

Num momento seguinte, na secção 4, abordámos em pormenor um dos princípios básicos da LC e, por conseguinte, também da Linguística Cultural: a natureza *perspectivista* do significado linguístico, ilustrando-o com a aplicação efectuada ao estudo interlinguístico dos nomes dos dias da semana.

Procurámos demonstrar, deste modo, que a *Linguagem é significado* e o *significado é conceptualização*, o que significa que estudar o Léxico de um idioma, tal como, aliás, estudar também a sua Gramática, implica estudar as

conceptualizações a ele inerentes. Tal como ilustrado na última secção pelas diferentes conceptualizações subjacentes à ordenação dos dias da semana em série, aprender uma língua diferente não implica apenas aprender os nomes dos diferentes dias, mas entender, aceitar e dominar a *perspectivação* conceptual a ela subjacente, o que pode implicar uma inicial e pontual “subversão” da perspectivação conceptual veiculada pela língua materna do aprendente até que a compreensão do fenómeno seja interiorizada na qualidade de conhecimento integrado.

## Referências

ALMEIDA, M.L.L.; R.G. Ferreira; D. Pinheiro; J. de L. Souza e C.A. Gonçalves (org.), 2009. *Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e Semântica*. Rio de Janeiro: Edições Publit.

ANUSIEWICZ, Janusz, 1994. *Linguistyka Kulturowa* [Linguística Cultural] Wrocław: Wydawnictwa Uniwersytetu Wrocławskiego.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2000 [1996]. *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. [Dissertação de Doutoramento, apresentada à FLUL, em 1996].

\_\_\_\_\_. 2004. *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*. [CD-ROM], Lisboa: Universidade Aberta.

\_\_\_\_\_. 2005. “O Estudo do Português Europeu na mira da Linguística Cognitiva – uma experiência de 15 anos”. In *Actas do XX Encontro da APL*, Lisboa, 197-210.

\_\_\_\_\_. 2010a. “Gramaticalização na Língua Portuguesa: uma abordagem contrastiva dos estudos em Português Europeu (PE) e em Português do Brasil (PB)” *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies*, nº 5, Julho 2010, Lisboa: Edições Colibri, Universidade Nova de Lisboa, 95-106.

\_\_\_\_\_. 2010b. “Cognitive and Cultural Models of Sociocultural Identities: Conceptualising Football as Colour and/or Wild Animal in Journalistic European Portuguese Discourse”. In *Comunicação, Cognição e Média*, 2 vols., Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa de Braga, Braga, Vol. 2, 47-62.

\_\_\_\_\_. 2010c. “Productividade Lexical, Espaços Mentais Integrados e Lexias Compostas na Língua Portuguesa (PE e PB): o que a Linguística Cognitiva nos Ensina sobre Língua e Cultura?”, *Revista Lingüística*, v. 6, n.º2, Dezembro de 2010, Rio de Janeiro, Programa em Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, 27-43.

\_\_\_\_\_. 2011. “As Raízes de ‘Botafogo’: Construção de Sentidos Múltiplos em Português Europeu”, *Veredas*, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora – vol. 15, n.º2/2011, 1-13.

\_\_\_\_\_. 2014a. Leonard Talmy's Schematic System of Perspective. *International Journal of Cognitive Linguistics* Volume 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc., 2014, 53-54. (Special Issue: *Consolidating a Map of Talmian Cognitive Semantics – Looking within, across, and beyond its systems*, a theme session presented at ICLC-12, Edmonton, Canada, 2013).

\_\_\_\_\_. 2014b. Perspective point (viewpointing) and events of motion in European Portuguese. *International Journal of Cognitive Linguistics* Volume 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc., 2014, 55-74. (Special issue: *Consolidating a Map of Talmian Cognitive Semantics – Looking within, across, and beyond its systems*, a theme session presented at ICLC-12, Edmonton, Canada, 2013).

BATORÉO, Hanna Jakubowicz e Margarida CASADINHO. 2009. “«Botar ou não Botar... Eis a Questão» Estudo Contrastivo da Produtividade Lexical do Verbo ‘Botar’ no Português Europeu e no Português do Brasil na óptica da Linguística Cognitiva”. In M.L.L. Almeida; R.G. Ferreira; D. Pinheiro; J. de L. Souza e C.A. Gonçalves (org.). 2009. *Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e Semântica*, Rio de Janeiro: Edições Publit, cap. 2, 53-66.

\_\_\_\_\_. 2010. “«Botar as Mãos na Massa?» Estudo Cognitivo da Produtividade Lexical do Verbo ‘Botar’ no PE e PB”. In Maria João Marçalo *et al.* (coord.) *Língua Portuguesa: Ultrapassar Fronteiras, Juntar Culturas*, Évora: Universidade de Évora.

BERNARDÉZ, Enrique. 2000. *Hacia una Teoría de la Lingüística Cultural*. Trad. de inglês de G. B. Palmer (1996) *Toward a Theory of Cultural Linguistics*, Madrid: Alianza Editorial.

BOAS, Franz. 1966. *Introduction to Handbook of American Indian Languages*, Lincoln, University of Nebraska Press.

BOWERMAN, Melissa. 1989. "Learning a Semantic System: What Role Do Cognitive Predispositions Play?" in M. L. Rice and R. L. Schiefelbusch (eds.), *The Teachability of Language*, Baltimore, Paul H. Brooks, in Bloom (ed.). (1993), 329-363.

BOWERMAN, Melissa. 1994. "Linguistic and Nonlinguistic Determinants of Spatial Semantic Development: A Crosslinguistic Study of English, Korean, and Dutch", Comunicação apresentada na *Boston University Conference on Language Development*, Boston.

CHOMSKY, Noam A. 1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Preager Publishers, 1986. Tradução portuguesa *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*, Prefácio e coordenação da edição portuguesa de Inês Duarte, Editorial Caminho, Coleção Universitária, Série Linguística, 1994.

CROFT, William. 2004. “Conceptualization and Construal Operations. In William Croft & D. Alan Cruse, *Cognitive Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, cap. 2, 40-73.

D’ANDARADE, Ronald. 1987. “A Folk Model of the Mind” in Dorothy Holland & Naomi Quinn (eds.) *Cultural Models in Language and Thought*, Melbourne: Cambridge University Press, 112-148.

D’ANDARADE, Ronald 1989. "Cultural Cognition", in Posner (ed.), (1989), 795-830.

- DESCARTES, R. 1961. [1637]. *Discurso do Método e Tratado das Paixões da Alma*, trad. portuguesa, 4ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.
- DINIS, Alfredo. 2004. "O que é ser Humano? A perspectiva das Ciências Cognitivas" in. Dinis & Curado 2004, 29-46.
- DINIS, Alfredo e J.M. CURADO (eds.). 2004. *Consciência e Cognição*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- FAUCONNIER, Gilles. 1985. *Mental Spaces*, Cambridge, MA: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1997. *Mappings in Thought and Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, Gilles & Mark TURNER. 1994. «Conceptual Projection and Middle Spaces », Cognitive Science Technical Report, 94/01 1998. "Conceptual Integration Networks" *Cognitive Science* 22/2, 133-187.
- FERRARI, Lilian (org.). 2009. *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta.
- \_\_\_\_\_. 2010. "Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares", *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição*, n.º 41, 149-165. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo7.pdf>
- \_\_\_\_\_. 2011. *Introdução à Linguística Cognitiva*, São Paulo: Contexto.
- FERRARI, Lilian; SWEATSER, Eve. 2012. "Subjectivity and Upwards Projection in Mental Space Structure". In Barbara Dancyngier & Eve Sweetser (org.) *Viewpoint in Language. A Multimodal Perspective*. Frontmatter/Prelims, Cambridge: Cambridge University Press.
- FILLMORE, Charles. 1985. "Frames and Semantics of Understanding", *Quaderni di Semantica*, 6, 222-254.
- FONSECA, Joaquim. 1989. *Correntes Modernas da Linguística (Programa e Metodologia)*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GEERAERTS, Dirk. 1997. *Diachronic Prototype Semantics. A contribution to Historical lexicology*, Oxford: Clarendon Press.
- \_\_\_\_\_. 2004. "Cultural models of linguistic standardization", in Silva, Torres e Gonçalves (org.) (2004), 47-84.
- GIVÓN, T. 1983. "Topic continuity in discourse: The Functional domain of switch reference", in Haiman, J. & P. Munro (eds.) *Typological studies in language, vol.2. Switch-reference and universal grammar* (51-82), Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. 1984. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*, Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. 1989. *Mind, Code and Context*, London: Lawrence Erlbaum Associates.
- GUMPERZ, John & Dell Hymes (org.). 1972. *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- GOODENOUGH, W. 1964. "Cultural anthropology and linguistics". In Dell Hymes (ed.) (1964) *Language in Culture and Society*, New York.

- HALLIDAY, M. A. K. 1975. *Learning How to Mean: Explorations in the Development of Language*, London: Edward Arnold.
- HERDER, J. G. 1877. *Werke*, ed. B. Suphan, Berlin.
- HOLLAND, Dorothy & Naomi QUINN (eds). 1987. *Cultural Models in Language and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press.
- HUMBOLDT, Wilhelm. 1968 [1836]. *Gesammelte Schriften*, Berlin.
- HYMES, Dell (ed.). 1964. *Language in Culture and Society*, New York.
- JANDA, Laura A. 2008. "From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics". *Slovo a smysl/Word and Sense*, 33 pages. ISSN 1214-7915.
- LAKOFF, George. 1987. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & Mark JOHNSON. 1980. *Metaphors we Live by*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LANGACKER, Ronald W. 1987/1991. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 1 - *Theoretical Prerequisites* (1987), Vol. 2 - *Applications* (1991), Stanford, California: Stanford University Press.
- LANGACKER, Ronald W. 2000. *Grammar and Conceptualization*, Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- LANGACKER, Ronald W. 2004 "Possession, Location, and Existence", in Silva, Torres e Gonçalves (org.) (2004), 85-120.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. 1980 [1705]. *New essays concerning human understanding*. Trad. inglesa. Cambridge, C.U.P.
- LOCKE, John 1690. *Essay Concerning Human Understanding*. Disponível em: <http://www.earlymoderntexts.com/loess.html>
- LURIA, A. R. 1981. *Language and Cognition*, Toronto, John Wiley and Sons.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2008. *Manual de Lingüística*, São Paulo: Editora Contexto.
- PALMER, Gary B. 1996. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*, Austin: The University of Texas Press. Versão castelhana de Enrique BERNARDÉZ, *Hacia una Teoría de la Lingüística Cultural*, Alianza Editorial, 2000.
- PALMER, Gary B. 2003. "Introduction". In Palmer, Goddard & Lee, 97-108.
- PALMER, Gary B. & Debra J. OCCHI. 1999. "Introduction: Linguistic anthropology and emotional experience". In Palmer & Occhi, 1-22
- PALMER, Gary B. & Debra J. OCCHI (eds.). 1999. *Languages of Sentiment: Cultural Constructions of Emotional Substrates*, Amsterdam: John Benjamins.
- PALMER, Gary B., Cliff GODDARD & Penny LEE (eds.). 2003. *Talking about Thinking across Languages. Special Issue. Cognitive Linguistics* 14/2,3.
- SAPIR, Edward. 1924. "Culture, Genuine and Spurious", *American Journal of Sociology*, 29, 401-429.
- \_\_\_\_\_. 1949. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*, (Ed. David Mandelbaum), Berkeley: University of California Press.

SHARIFIAN, Farzad. 2010. Cultural conceptualizations in intercultural communication: a study of Aboriginal and non-Aboriginal Australians. *Journal of Pragmatics*, 42, 3367–3376.

\_\_\_\_\_. 2011a. *Cultural conceptualizations and language: Theoretical framework and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_. 2011b. *Cultural Linguistics*. Inaugural Professorial Lecture, Professor Farzad Sharafian, School of Language, Cultures, and Linguistics, Language and Society Centre, Monash University. Disponível em; <http://monash.academia.edu/ProfessorFarzadSharifian/Papers/611702/CulturalLinguisticsFarzadSharifiansInauguralProfessorialLecture>.

\_\_\_\_\_. 2011c. *Language and Society*. Video (56 minutos) disponível em: <http://arts.monash.edu.au/language-and-society/farzad-lecture-june-11.php>

SHARIFIAN, Farzad, & Gary B. Palmer, (eds.). 2007. *Applied cultural linguistics: Implications for second language learning and intercultural communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

SHARIFIAN, Farzad. René Dirve, N. Yu & S. Neiemier, S. (eds.). 2008. *Culture, body, and language: Conceptualizations of internal body organs across cultures and languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

SILVA, Augusto Soares da. 1999. *A Semântica de Deixar: uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia, [Dissertação de Doutoramento, apresentada à Universidade Católica de Braga, Faculdade de Filosofia, em 1997].

\_\_\_\_\_. 2001. “Introdução”. In Augusto Soares da Silva (org.) *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 1-18.

\_\_\_\_\_. 2004a. “Introdução”. In Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (org.), 1-20.

\_\_\_\_\_. 2004b. “Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento”. In Alfredo Dinis e José M. Curado (orgs.), *Consciência e Cognição*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 2004, 79-96.

\_\_\_\_\_. 2006. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.

\_\_\_\_\_. 2009. “O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos?”. In *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 511-525.

\_\_\_\_\_. 2011. “What’s in a world? Mental and linguistic representations, culture(s) and the negotiation of meaning”. In Ana Margarida Abrantes & Peter Hanenberg (eds.) *Cognition and Culture. An Interdisciplinary Dialogue*. Studies in Cultural Science 5. Frankfurt am Main: Peter Lang, 99-119.

\_\_\_\_\_. (org.). 2001. *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica

Portuguesa

SILVA, Augusto Soares da; Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (org.). 2004. *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, 2 vols. Coimbra: Almedina.

SILVA, Augusto Soares da e Hanna Jakubowicz BATORÉO. 2010. "Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações". In Ana Maria Brito (org.) *Gramática: História, Teorias, Aplicações*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 229-251.

SLOBIN, Dan I. 1990. "Learning to Think for Speaking: Native Language, Cognition and Rhetorical Style", Comunicação apresentada na *International Pragmatics Conference*, Barcelona e na *Fifth International Congress for the Study of Child Language*, Budapest.

\_\_\_\_\_. 2012. "Thinking for speaking in two languages: changes at the interface of grammar and semantics." Conferência de encerramento no 5º Congresso LCM – Language – Culture – Mind, 27-29 de Julho, Lisboa: Universidade Católica de Lisboa.

SWEESTER, Eve. 1990. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.

TALMY, Leonard. 1985. "Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms", in T. Shopen (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*, Vol. III, *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1988. "The Relation of Grammar to Cognition", in Rudzka-Ostyn, B. (ed.), (1988), 165-206.

\_\_\_\_\_. 2003. *Toward a Cognitive Semantics*, Vol 1 & 2, A Bradford Book, Cambridge Massachusetts, London, England: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. 2004. "The representation of spatial structure in spoken and signed language", in Silva, Torres e Gonçalves (org.) (2004), 121- 164.

TAYLOR, John R. 1995 [1989]. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*, Clarendon Paperbacks, New York: Oxford University Press.

UNGERER, F. & H. J. SCHMID. 1996. *An Introduction to Cognitive Linguistics*, Longman, Learning about Language, London & New York.

VAN DIJK, Teun 1997. *Discourse and Society*, New York: Academic Press.

VAN DIJK, Teun & W. Kintsch. 1983. *Strategies of Discourse Comprehension*, New York: Academic Press.

VYGOTSKY, Lev. 1979 [1934]. *Mind and Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Tradução inglesa do original russo. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

WHORF, B. L. 1956. *Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. New York, Wiley: Ed. John B. Carroll,

WIERZBICKA, Anna. 1979. "Ethno-syntax and the philosophy of grammar". *Studies in Language* 3/3: 313-83

- \_\_\_\_\_. 1980. *Lingua Mentalis: The Semantics of Natural Language*, Sydney, Academic Press.
- \_\_\_\_\_. 1985. *Lexicography and Conceptual Analysis*, Ann Arbor.
- \_\_\_\_\_. 1988. *The Semantics of Grammar*, Amsterdam - Philadelphia.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Cross-Cultural Pragmatics: The Semantics of Social Interaction*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 1992. *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*, New York: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Semantics, Primes and Universals*, Oxford, New York: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. 1998. "Anchoring Linguistic Typology in Universal Semantic Primes", ms.